

## Sexta-feira

Estou a caminho de Oaxaca para me reencontrar com alguns colegas botânicos numa expedição aos fetos, ansioso por me afastar durante uma semana do Inverno gelado de Nova Iorque. O próprio avião — um voo da AeroMexico — tem uma atmosfera bastante diferente de qualquer outra coisa que eu já tenha visto. Ainda mal levantámos voo e já toda a gente está de pé — a conversar no corredor, a abrir sacos de comida, a dar de mamar a bebés — numa cena social instantânea, como num mercado ou num café mexicanos. Estamos no México assim que embarcamos. Os sinais para apertar os cintos ainda estão acesos, mas ninguém lhes presta a mínima atenção. Já tive um pouco deste sentimento em aviões espanhóis e italianos, mas aqui sinto-o muito mais marcado: é uma festa imediata, uma atmosfera solar e sorridente a toda a minha volta. É tão crucial observar as outras culturas, perceber como são especiais e locais, e como a nossa não é universal. Veja-se, em contraste, a atmosfera rígida e sem alegria que permeia a maior parte dos voos norte-americanos. Começo a sentir que vou gostar desta visita. De certa forma, hoje em dia permitem-nos gozar tão pouco a vida — e, no entanto, não deve a vida ser bem gozada?

O meu vizinho, um empresário bonacheirão de Chiapas, deseja-me “*Bon appetit!*” e depois repete-se na versão espanhola, “*!Buen provecho!*”, quando chega a refeição. Não consigo ler seja o que for no menu, e por isso digo que sim à primeira coisa que me oferecem — um erro, porque acaba por me sair uma empanada, quando o que eu queria era frango ou peixe. Confesso que a minha timidez, dobrada pela minha incapacidade de falar outras línguas, é um problema. Não gosto especialmente da empanada, mas como algumas garfadas enquanto parte do meu processo de aculturação.

O meu vizinho quer saber a razão da minha visita ao México, e eu digo-lhe que faço parte de uma expedição botânica dirigida a Oaxaca, no Sul. Alguns de nós vêm neste avião de Nova Iorque, e vamos encontrar-nos com os outros na Cidade do México. Ao saber que esta é a minha primeira visita ao México, fala-me do país todo a cintilar, e empresta-me o seu guia. Recorda-me de que devo absolutamente visitar a árvore enorme de Oaxaca — tem milhares de anos de idade, um prodígio natural famoso. Na realidade, digo-lhe, já oiço falar dessa árvore desde que era rapaz, e depois também já vi algumas fotos; e era um dos fenómenos que me tinha atraído a Oaxaca.

O mesmo vizinho simpático, notando que eu tinha rasgado as últimas páginas, e até a página de título, das provas de um livro, para poder escrever nelas, e que agora parecia preocupado e sem papel, oferece-me duas folhas de um bloco amarelo (estupidamente, coloquei o meu próprio bloco amarelo e o meu caderno de apontamentos na bagagem de porão).

Como observou que disse que sim quando me perguntaram pela empanada, sem ter obviamente qualquer ideia do que aquilo era, e que depois também obviamente não gostei do que me deram, o meu vizinho volta agora a dar-me o seu guia, sugerindo-me que veja o glossário bilingue das comidas mexicanas, juntamente com as ilustrações que o acompanham. Devo ter cuidado, por exemplo, ao distinguir entre *atún*<sup>1</sup> e *tuna*<sup>1</sup>, porque a palavra espanhola *tuna* não quer dizer *atum*, mas antes designa o fruto de uma pêra espinhosa. De outra forma, continuarei a comer fruta quando quiser peixe.

Encontro no guia uma secção sobre plantas, e pergunto-lhe pela *malta mujer*, uma árvore de aspecto perigoso com pêlos espetados semelhantes a agulhas. O homem diz-me que, nas salas de baile das terras pequenas, os jovens espalham pelos cantos ramos dela, para obrigarem as raparigas, e toda a gente, a coçarem-se o tempo todo. Isto qualifica-se como qualquer coisa entre um crime e uma piada.

“Bem-vindo ao México!”, diz-me o meu companheiro assim que aterrámos, acrescentando: “Encontrará muita coisa pouco habitual e de grande interesse.” Dá-me o seu cartão no momento em que o avião acaba de imobilizar-se. “Telefone-me”, diz ele, “se houver alguma coisa em que lhe puder ser útil enquanto está de visita ao nosso país.” Dou-lhe o meu endereço — tenho de o escrever num suporte de copo,

1 *Atum* em inglês. (N. T.)

uma vez que não tenho cartões. Prometo mandar-lhe um dos meus livros, e, quando vejo que o seu segundo nome é Todd (“o meu avô veio de Edimburgo”), falo-lhe da Sezão de Todd — uma paralisia breve que por vezes se segue aos espasmos epilépticos — e prometo incluir uma biografia curta do Dr. Todd, o homem que descreveu esta condição pela primeira vez.

Fico muito tocado pela doçura e cortesia deste homem. Será uma cortesia característica da América Latina? Será pessoal? Ou será apenas um daqueles encontros breves que ocorrem em aviões e comboios?

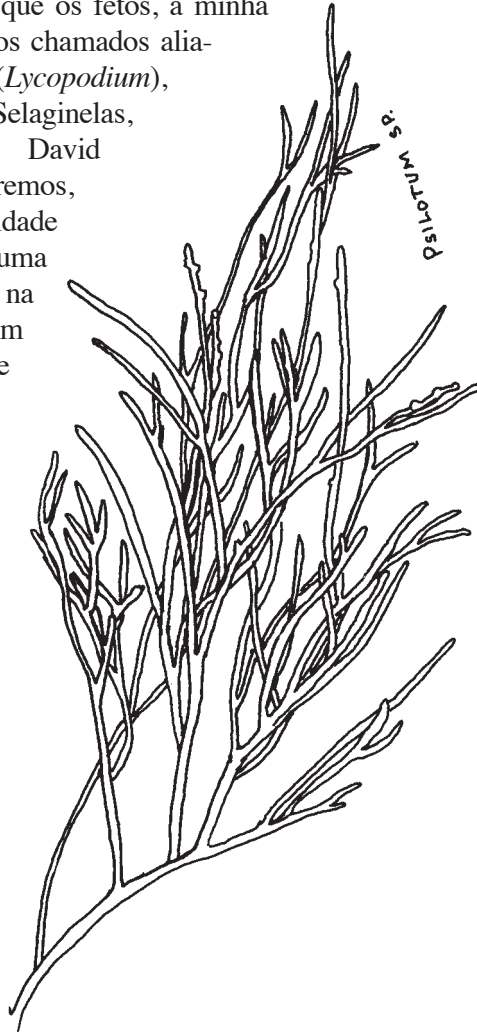
Temos umas três horas tranquilas no aeroporto da Cidade do México — imenso tempo antes da nossa ligação para Oaxaca. Vou almoçar com mais dois membros do grupo (ainda pouco conhecidos — mas havemos de conhecer-nos bem ao fim de poucos dias), e um deles deita uma olhadela ao caderninho a que estou agarrado. “É verdade”, digo eu. “Sou capaz de manter um diário.”

“Vais ter montes de material”, concorda ele. “Somos o grupo de gente esquisita mais improvável que poderias encontrar.”

Não, dou por mim a pensar, é um grupo esplêndido — entusiástico, inocente, sem competitividade, unido pelo amor aos fetos. São amadores — são amantes, no melhor sentido do termo —, embora a maioria possua um conhecimento mais que profissional, uma erudição fantástica. O meu interlocutor interessa-se pela minha área de especialidade. “Não, eu não... Vim só viajar convosco.”

Ainda no aeroporto, encontramos-nos com um homem grande, vestido com uma camisa aos quadrados, um chapéu de palha, e suspensórios, acabado de chegar de Atlanta. Apresenta-se — David Emory — e apresenta-nos a sua mulher, Sally. Diz-me que conheceu na universidade o nosso amigo comum John Mickel (o organizador desta viagem) em 1952, em Oberlin. Nessa altura John estava a fazer a licenciatura, e David o doutoramento. Foi ele que desencaminhou John para os fetos. Diz-me que está ansioso por se encontrar com John quando chegarmos a Oaxaca. Só voltaram a ver-se duas ou três vezes desde que acabaram os estudos, quase há cinquenta anos. De cada uma dessas vezes, encontraram-se em expedições botânicas; e a velha amizade, o velho entusiasmo, regressa imediatamente. O tempo e o espaço anulam-se quando eles se encontram, já que convergem de tempos e lugares diferentes mas estão unidos pelo seu amor, a sua paixão pelos fetos.

Confesso que, mais ainda que os fetos, a minha preferência pessoal vai para os chamados aliados dos fetos: Licopódios (*Lycopodium*), Cavalinhas (*Equisetum*), Selaginelas, fetos bigode (*Psilotum*<sup>2</sup>). David assegura-me que encontraremos, também, uma grande quantidade de tudo isto: descobriu-se uma nova espécie de *Lycopodium* na última expedição a Oaxaca em 1990, e há muitas espécies de Selaginela; uma delas, o “feto da ressurreição”, vê-se com frequência no mercado: uma roseta de verde pardo, achatada, aparentemente morta, que recupera uma vida cintilante assim que chove. E há três *equiseta* em Oaxaca, acrescenta, incluindo um dos maiores do mundo. “E o *Psilotum*”, pergunto eu, febrilmente. “Também há o *Psilotum*?”. O *Psilotum* também, diz ele — duas espécies, nem menos.



Mesmo ainda em criança, já sentia paixão pelas cavalinhas e licopódios primitivos, porque eram os antepassados de onde todas as plantas superiores tinham derivado<sup>3</sup>. No exterior do Museu de História Natural

2 Sem nome em português. Designa-se em inglês por «whisk fern». (N. T.)

3 Ou, pelo menos, era o que se dizia quando eu era rapaz. O presente entendimento da evolução, baseado na sequenciação de ADN, e não apenas na morfologia, ou na sequência de plantas antigas no registo fóssil, é contra esta linhagem simples, indicando antes que os licopódios, os fetos (incluindo os aliados dos fetos), e as plantas com semente constituem as três linhagens das plantas vasculares, provavelmente todas evoluídas a partir de um antepassado comum que terá existido no Silúrico.

(em Londres, onde cresci) havia um jardim de fósseis, com os troncos e as raízes fossilizados de lycopódios e cavalinhas gigantes, e lá dentro existiam diaporamas reconstruindo o que deveria ter sido a aparência de uma antiga floresta do Paleozóico, com árvores gigantes de cavalinha de trinta metros de altura. Uma das minhas tias tinha-me mostrado as cavalinhas modernas (só meio metro de altura) nas florestas de Cheshire, com os seus caules rígidos e unidos e os seus cones bojudos no topo. Também me mostrara os pequenos lycopódios e selaginelas, mas não pudera mostrar-me o mais primitivo de todos, porque o *Psilotum* não se dá na Inglaterra. As plantas que se lhes assemelham — os psilófitos — foram as pioneiras, as primeiras plantas a desenvolver um sistema vascular para transportarem água através dos seus caules, o que lhes permitiu lançarem-se à conquista da terra firme há cerca de quatrocentos milhões de anos, abrindo o caminho para tudo o que se seguiu. Embora os anglo-saxónicos lhe chamem *whisk fern*, o *Psilotum*, na realidade, não é, de todo, um feto. Não tem propriamente raízes ou frondes, apenas um caule verde indiferenciado, com uma bifurcação, pouco mais espesso que a ponta de um lápis. Mas, apesar da sua aparência modesta, é um dos meus favoritos, e tinha prometido a mim próprio que, um dia, havia de vê-lo no seu *habitat* natural.

Cresci nos anos 30, numa casa que tinha o jardim cheio de fetos. A minha mãe preferia-os às flores, e, embora tivéssemos rosas que trepavam entrelaçadas pelas paredes, a maior parte dos canteiros estava entregue aos fetos. Também tínhamos uma estufa toda coberta de vidro, sempre quente e húmida, onde estava pendurado um *Polystichum polyblepharum*<sup>4</sup> grande, e onde podíamos cultivar fetos delicados e tropicais. Às vezes, aos domingos, a minha mãe e uma das suas irmãs, também ela com inclinações botânicas, levavam-me aos Kew Gardens, e foi aí que vi, pela primeira vez, árvores de fetos como torres, coroadas com frondes a seis ou dez metros acima do chão, e também simulacros das gargantas de fetos do Havai e da Austrália. Considerava esses lugares os mais belos que jamais vira.

A minha mãe e as minhas tias tinham herdado o seu entusiasmo pelos fetos directamente do seu pai, o meu avô, que veio da Rússia para Londres nos anos 50 do século XIX, quando a Inglaterra ainda se encontrava nas garras da pteridomania — a grande loucura vitoriana pelos fetos. Um sem-fim de casas, incluindo aquela em que elas cres-

4 Sem nome em português; designado em inglês por «tassel fern». (N. T.)